

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Necessidades de suporte não atendidas em saúde sexual em pessoas adultas com autismo: Resultados de uma *Scoping Review*

Ana Bárbara da Cunha Nogueira de Miranda

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**NECESSIDADES DE SUPORTE NÃO ATENDIDAS EM
SAÚDE SEXUAL EM PESSOAS ADULTAS COM AUTISMO:
RESULTADOS DE UMA *SCOPING REVIEW***

Ana Bárbara da Cunha Nogueira de Miranda

Junho 2024

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora Ana Luísa de Matos Dias Quinta Gomes
(FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Ana Luísa Quinta Gomes, pela sua orientação e ajuda incansável. Estou muito grata pela partilha de conhecimentos, disponibilidade e atenção desde o início deste trabalho.

À Hélia Rocha por toda ajuda, dedicação e colaboração constante no meu trabalho.

À Bárbara Machado pela sua disponibilidade e apoio.

Aos meus pais, gostaria de expressar uma imensa gratidão por serem os pilares da minha vida. Obrigada por me apoiarem, encorajarem e estarem presentes em todas as etapas. Agradeço por me proporcionarem a oportunidade de me formar e ser hoje uma futura Psicóloga. Os vossos valores e crenças refletem-se hoje o meu sucesso.

À minha irmã, quero agradecer pela sua paciência e apoio constante. Obrigada por incentivar a ver sempre o lado positivo mesmo nos momentos mais difíceis e desafiadores. Estou muito orgulhosa e ansiosa para te ver a ti também uma Doutora.

Ao meu namorado, gostaria também de agradecer todo o apoio, paciência e motivação ao longo deste percurso. Obrigada por ter estado sempre ao meu lado e por me ter dado alegria e descontração mesmo quando tudo isso parecia impossível. Agradeço por sempre ter acreditado em mim mesmo quando eu duvidava e me ter ajudado a construir este caminho. Obrigada pela presença, carinho e ajuda contante.

A toda a família, obrigada por todo carinho e apoio incondicional, o qual foi fundamental para a conclusão desta etapa.

Às minhas amigas da faculdade obrigada por todos os momentos tão divertidos que partilhamos. Sem a vossa amizade e carinho este percurso não tinha sido tão bonito. Obrigada por terem estado sempre presentes nos momentos bons e menos bons e sempre prontas a dar a mão quando era preciso. Seremos eternas Laranjinhas.

Resumo

A introdução do conceito de neurodiversidade trouxe um interesse acrescido na investigação em torno do autismo. Não obstante, a literatura é ainda insuficiente no que respeita ao impacto do autismo na sexualidade e quais as necessidades de saúde sexual que pessoas adultas com autismo apresentam. O objetivo central do presente trabalho foi realizar um levantamento e síntese da literatura existente sobre as necessidades de cuidados de saúde sexual não atendidas vivenciadas em pessoas adultas com autismo. Foi realizada uma pesquisa sistemática de estudos nas principais bases de dados científicas (PubMed, ScienceDirect, Wiley Online Library, EBSCO, Web of Science e Cochrane Reviews) seguindo PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses–Extension para scoping reviews). A revisão incluiu 15 estudos elegíveis dos 2107 artigos inicialmente recolhidos. Os estudos analisaram várias esferas da sexualidade e enfatizaram a diversidade e complexidade sexual das pessoas autistas. Ainda que tenham um bom conhecimento sexual, as pessoas autistas apresentam comportamentos sexuais menos frequentes e de caráter solitário; interesse sexual moderado e experiências limitadas pelas dificuldades sociais; satisfação sexual variável e de acordo com as características individuais, conexões afetivas e percepções sensoriais. Adicionalmente, o desejo e a excitação sexual não são idênticos entre homens e mulheres, e as identidades de género e orientações sexuais também são variadas. No seu conjunto, os dados apontam para a importância e a necessidade de educação sexual mais inclusiva e dirigida e o desenvolvimento de programas de saúde sexual adaptados e personalizados.

Conceitos-Chave: Autismo; Perturbação Espectro do Autismo (PEA); Sexualidade; Saúde Sexual; Qualidade de Vida; Necessidades de Saúde Sexual; Adultos; *Scoping Review*

Abstract

The concept of neurodiversity has increased interest in autism research. However, there is still insufficient literature on the impact of autism on sexuality and the sexual health needs of adults with autism. The central aim of this study was to survey and synthesize the existing literature on the unmet sexual health care needs experienced by adults with autism. A systematic search of studies was carried out in the main scientific databases (PubMed, ScienceDirect, Wiley Online Library, EBSCO, Web of Science and Cochrane Reviews) following PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses-Extension for scoping reviews). The review included 15 eligible studies out of the 2107 articles initially collected. The studies analyzed various spheres of sexuality and emphasized the diversity and sexual complexity of autistic people. Although they have good sexual knowledge, autistic people show less frequent, and solitary sexual behavior; moderate sexual interest and experiences limited by social difficulties; variable sexual satisfaction and according to individual characteristics, affective connections and sensory perceptions. In addition, sexual desire and arousal are not identical between men and women, and gender identities and sexual orientations also vary. Taken together, the data points to the importance and need for more inclusive and targeted sex education and the development of tailored and personalized sexual health programs.

Keywords: Autism; Autism Spectrum Disorder (ASD); Sexuality; Sexual Health; Quality of Life; Sexual Health Needs; Adults; *Scoping Review*

Abstrait

L'introduction du concept de neurodiversité a suscité un intérêt accru pour la recherche sur l'autisme. Cependant, la littérature sur l'impact de l'autisme sur la sexualité et sur les besoins des adultes autistes en matière de santé sexuelle est encore insuffisante. L'objectif principal de cette étude était de recenser et de synthétiser la littérature existante sur les besoins non satisfaits des adultes autistes en matière de santé sexuelle. Une recherche systématique d'études a été effectuée dans les principales bases de données scientifiques (PubMed, ScienceDirect, Wiley Online Library, EBSCO, Web of Science et Cochrane Reviews) conformément à PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses-Extension for scoping reviews). La revue a inclus 15 études éligibles sur les 2107 articles initialement collectés. Les études analysent différentes sphères de la sexualité et soulignent la diversité et la complexité sexuelle des personnes autistes. Bien qu'elles aient de bonnes connaissances sexuelles, les personnes autistes présentent des comportements sexuels moins fréquents et solitaires ; un intérêt et des expériences sexuelles modérés, limités par des difficultés sociales ; une satisfaction sexuelle variable en fonction des caractéristiques individuelles, des liens émotionnels et des perceptions sensorielles. En outre, le désir sexuel et l'excitation ne sont pas identiques entre les hommes et les femmes, et les identités de genre et les orientations sexuelles varient également. Dans l'ensemble, les données soulignent l'importance et la nécessité d'une éducation sexuelle plus inclusive et plus ciblée et de l'élaboration de programmes de santé sexuelle adaptés et personnalisés.

Mots clés: Autisme; Troubles du Spectre Autistique (TSA); Sexualité; Santé Sexuelle; Qualité de Vie; Besoins en Matière de Santé Sexuelle; Adultes; Étude Exploratoire

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. O Espectro do Autismo: Evolução Histórica, Caraterísticas Clínicas e Prevalência.....	2
1.1.1. Neurodiversidade.....	3
1.2. Autismo e Sexualidade	4
2. Método	7
2.1. Critérios de inclusão e exclusão	8
2.2. Bases de dados e estratégia de pesquisa	8
2.3. Processo de extração de dados (extração e codificação)	9
2.4. Apresentação de Dados	9
2.5. Resultados.....	14
3. Apresentação dos Resultados	15
3.1. Dimensões da Sexualidade	15
3.1.1. Conhecimento Sexual	15
3.1.2. Comportamento Sexual e Experiência Sexual.....	15
3.2. Funcionamento Sexual	17
3.2.1. Interesse e Desejo Sexual	17
3.2.2. Excitação Sexual.....	18
3.2.3. Satisfação Sexual	19
3.3. Desafios Sexuais Dentro da PEA	20
3.3.1. Sensibilidade Sensorial.....	20
3.3.2. Competências sociais e interpessoais	22
3.4. Identidade sexual e a orientação sexual.....	23
4. Discussão dos Resultados.....	26
4.1. Implicações dos resultados	29
4.2. Limitações	30
5. Conclusão	31
Referências.....	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. Estratégia PICO: população, intervenção, comparação, outcomes.	11
Tabela 2. Características dos Estudos Incluídos	12

Índice de Figuras

Figura 1. Fluxograma Prisma: estratégia de pesquisa e processo de seleção de estudos. Adaptado e Traduzido (Prisma, 2020).....	11
---	----

Índice de Abreviaturas

APA	Associação Americana de Psiquiatria
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
JBI	<i>Joanna Briggs Institute</i>
PEA	Perturbação do Espectro do Autismo
PPI	<i>Patient and public involvement</i>
PRISMA	<i>Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses</i>
PRISMA-ScR	<i>Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses—Extension for Scoping Reviews</i>

1. Introdução

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma condição neurodesenvolvimental marcada por défices persistentes na comunicação e interação social e padrões restritos de comportamentos, interesses e atividades (Associação Americana de Psiquiatria; APA, 2022). A adoção do termo espectro reflete a heterogeneidade de sintomas e a sua natureza contínua, que variam amplamente na sua manifestação, intensidade e frequência (Gaiato, 2018). Desta forma, enquanto alguns indivíduos vivenciam o que é considerado como sintomas leves e apresentam uma menor necessidade de apoio à autonomia na vida diária, outros podem necessitar de maior apoio nas suas atividades diárias, manifestar maiores dificuldades na expressão emocional e atrasos no desenvolvimento da linguagem (Sasson et al., 2012). Contudo, apesar de existirem diferenças e particularidades em cada indivíduo com autismo, não são reconhecidas diferenças de categorias no diagnóstico (Lobar, 2015). Ao longo do seu desenvolvimento, indivíduos com autismo podem vivenciar diversas dificuldades incluindo nas suas interações sexuais. Alguns estudos mostram como os traços de autismo, sobretudo as diferenças de comunicação, têm um grande impacto na sexualidade, evidenciando-se dificuldades na construção de parcerias; expressou-se também ansiedade associada às expectativas de estar presente num relacionamento e a incerteza/dúvida de como satisfazer sexualmente a pessoa parceira (Corbett, 1987). A literatura sobre o autismo e a sexualidade permanece escassa e alvo de pouco interesse por parte da investigação.

Assim, o presente trabalho pretende fazer um levantamento e síntese da literatura existente sobre as necessidades de cuidados de saúde sexual não atendidas vivenciadas em pessoas adultas com autismo, guiado pela questão de investigação: Quais as necessidades de cuidados sexuais não atendidas vivenciadas por pessoas adultas com autismo? Os resultados deste trabalho têm o potencial de aprofundar as lacunas existentes na literatura acerca desta temática, e também de permitir a caracterização do tipo de necessidades nesta população com vista a uma maior inclusão destas pessoas e o desenvolvimento de cuidados de suporte mais adequados e personalizados.

1.1. O Espectro do Autismo: Evolução Histórica, Características Clínicas e Prevalência

Atualmente, o diagnóstico de autismo abrange uma maior variedade de perfis e critérios, eliminando classificações anteriormente utilizadas, como a Síndrome de Asperger, definida no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) -IV (APA, 1994). O conceito de autismo sofreu uma grande evolução nos últimos anos. No DSM-I (APA, 1952), era definido como uma subcategoria de esquizofrenia infantil. No DSM-III (APA, 1980), descrito como autismo infantil. Atualmente, a PEA é reconhecida como uma perturbação neurodesenvolvimental, evidente na infância e com marcados atrasos no desenvolvimento e perdas nas capacidades linguísticas e sociais. A PEA abrange condições anteriormente conhecidas como autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, perturbação global do desenvolvimento sem outra especificação, perturbação desintegrativa da infância e síndrome de Asperger (APA, 2022).

As características do autismo variam de forma significativa, contudo existem algumas referências comuns, nomeadamente dificuldades na comunicação e na interação social, dificuldades na reciprocidade socioemocional, sensibilidade sensorial, comportamentos repetitivos e rígidos, podendo estas estar associadas à necessidade de rotinas bem definidas e específicas e, ainda, interesses restritos (von dem Hagen et al., 2010). Além disto, as pessoas autistas podem também apresentar dificuldades na compreensão de expressões faciais, tom de voz e alguns gestos (Cumine et al., 2006). Estes traços observam-se com frequência e são normalmente perceptíveis desde a primeira infância (APA, 2022).

De acordo com a revisão sistemática de Norte (2017), tem-se verificado um crescimento progressivo do diagnóstico de PEA nos últimos 10 anos. Atualmente, os dados apontam para que 1 em 54 crianças nos Estados Unidos (CDC, 2020) seja diagnosticada com PEA, situando os valores de prevalência da PEA entre 1 e 2% da população, com taxas semelhantes em crianças e adultos. No panorama nacional, de acordo com o único estudo realizado até à data, estima-se que 1 em cada 1000 crianças sofra de PEA (Oliveira, 2005). Estes dados poderão ser justificados pelo alargamento dos critérios de diagnóstico e o maior conhecimento do autismo por parte das famílias e profissionais. Não obstante, as investigações sobre o autismo expandiram-se principalmente quando foi reconhecida como uma condição permanente e não apenas uma perturbação da infância (Silverman, 2015),

melhorando também as suas metodologias para a condução dos estudos. A etiologia do autismo é multifatorial, contudo a literatura aponta que fatores genéticos parecem exercer influência. A título de exemplo, um estudo conduzido por Sandin et al. (2017) indicou uma maior prevalência do autismo em gêmeos idênticos quando comparados a gêmeos não idênticos. Fatores ambientais também parecem propiciar o quadro de autismo, sendo que as complicações ao nível do pós-parto parecem representar um fator de risco (Gardener et al., 2009).

As implicações e desafios que as pessoas autistas enfrentam podem variar ao longo da vida e de acordo com a sua idade. As pessoas autistas vivenciam inúmeros desafios no seu dia-a-dia, para além do preconceito e estereótipos a que estão expostas, experienciando diversas dificuldades e barreiras, nomeadamente no acesso a cuidados de saúde. Estas dificuldades resultam, em parte, da escassa preparação dos profissionais de saúde para oferecer respostas diferenciadas (Stein et al., 2019), ou da insuficiência de serviços de apoio especializado e personalizado. As características específicas do autismo, como as dificuldades na comunicação, socialização e sensibilidade sensorial, maximizam estas dificuldades e obstáculos. Estas características desencadeiam obstáculos no desenvolvimento da independência e autonomia das pessoas autistas (Rollett & Kastner-Koller, 2018) e no desenvolvimento e na manutenção dos relacionamentos e amizades (Ousley & Mesibov, 1991).

1.1.1. Neurodiversidade

Uma das mudanças mais marcantes na abordagem do autismo assenta na despatologização e na sua não conceptualização enquanto perturbação do desenvolvimento, dando lugar ao conceito de neurodiversidade (Silverman, 2015).

De uma forma geral, a neurodiversidade refere-se a indivíduos que apresentam quadros de neurodesenvolvimento que resultam num certo grau de dificuldade e/ou desafios no dia-a-dia (Eldridge, 2024). Estes indivíduos são designados de neurodivergentes, um conceito utilizado para identificar os indivíduos cujo cérebro não opera de forma socialmente considerada como padrão (Resnick, 2021), em oposição à designação de pessoa adulta neurotípica, que é utilizada para definir um indivíduo cujas funções, comportamentos e processamentos cerebrais são considerados normativos/típicos e que alcançam os padrões e metas de desenvolvimento e comportamento nas idades apontadas como padrão na maioria da população (Resnick, 2021). O termo neurodiversidade destaca, assim, os pontos fortes e

as diferenças singulares dos indivíduos (Happé & Frith, 2020), realçando a importância de explorar a grande variabilidade das suas experiências e necessidades. Permite, também, o desenvolvimento de intervenções e estudos personalizados que atendam às experiências vivenciadas por esta população, assim como uma maior abertura à investigação e exploração de novas direções tais como as questões sensoriais e as interações sociais, envolvendo a população nos estudos recorrendo ao método *Patient and public involvement* (PPI), amplificando, desta forma, a sua voz e integrando a sua perspetiva nas investigações (Happé & Frith, 2020). O PPI permite criar um ambiente de trabalho colaborativo, no qual os investigadores e a população-alvo trabalham em equipa, permitindo alcançar informação de maior importância e qualidade e produzindo benefícios significativos que superam os custos associados. O PPI melhora o processo de investigação, permitindo garantir que o estudo vá ao encontro das preferências e interesses das pessoas autistas (Sacristan et al., 2016) e, ainda, permitindo que os resultados da investigação sobre o autismo sejam compreensíveis por todas as pessoas e inclusivos.

Estas mudanças operadas na designação e caracterização do autismo permitiram uma compreensão, prática e investigação mais inclusivas, alinhando-se com as necessidades da população, surgindo como uma alternativa ao modelo de análise tradicional, centrado nos défices dos indivíduos e na cura do que é definido como perturbação. A abordagem mais inclusiva e holística trazidas pelo paradigma da neurodiversidade (Pellicano & den Houting, 2022) permite a despatologização do autismo e contribui para a realização de estudos mais inclusivos, retratando as verdadeiras experiências desta população.

1.2. Autismo e Sexualidade

Contrariamente à visão da pessoa autista como assexual ou desprovida de interesse por atividades sexuais ou românticas, estudos mais recentes têm demonstrado que pessoas com autismo evidenciam igualmente interesse em envolver-se em atividades e experiências sexuais (Bush, 2018; Byers et al., 2013; Gilmour et al., 2011). Tradicionalmente, a assexualidade no autismo era descrita maioritariamente pelos/as cuidadores/as principais/pais das pessoas autistas (Kellaher, 2015) que consideraram a sexualidade dos/as filhos/as um tabu, negando a sua existência e, assim, infantilizando estes indivíduos (Tilio, 2017), ou caracterizando os comportamentos de expressão sexual como inapropriados (Kellaher, 2015). Mais recentemente, a adoção de uma abordagem PPI na investigação permitiu concluir que as experiências e comportamentos sexuais desta população não diferia

de forma expressiva da população neurotípica, nomeadamente no que concerne à masturbação, pornografia e relações sexuais (Kellaher, 2015), mostrando que a maioria destas pessoas expressa um evidente desejo por relacionamentos afetivos, românticos e sexuais (Byers et al., 2012). Os estudos disponíveis têm igualmente demonstrado que o interesse sexual em pessoas autistas e neurotípicas é idêntico, distinguindo-se apenas na dimensão da sua experiência relacional (Haracopos et al., 1992).

Não obstante, algumas diferenças têm sido igualmente identificadas entre as pessoas adultas com autismo e as neurotípicas, principalmente ao nível de uma menor literacia sexual das primeiras em relação às segundas, em temáticas como a reprodução, contraceção, doenças sexualmente transmissíveis (Kellaher, 2015) e a adoção de comportamentos sexuais socialmente inapropriados (Rondon et al., 2017). As dificuldades experienciadas impactam negativamente diversas áreas do seu funcionamento, nomeadamente a esfera sociossexual, nomeadamente no que respeita aos interesses, comportamentos e conhecimentos do indivíduo relativamente a tópicos sexuais, românticos e sociais (Hancock et al., 2017) apreendidas em contextos formais (e.g., na escola, educação sexual) ou informais (e.g., através de vivências e/ou experiências). As diferenças encontradas entre o funcionamento sociossexual de indivíduos com autismo e neurotípicos pode ficar a dever-se ao seu menor envolvimento com pares, a sua pobre experiência em relacionamentos, a maior orientação e supervisão dos pais e a prevalência do uso de tecnologia e plataformas online de educação sexual direcionadas a pessoas autistas (Hancock et al., 2017). Estes indivíduos estão sujeitos a uma menor educação formal e informal sobre a temática da sexualidade, evidenciando, assim, uma grande desvantagem comparativamente aos/às restantes jovens (Hancock et al., 2017). A sexualidade é um construto que se desenvolve através das interações e experiências sociais e físicas, tendo sempre em conta as respetivas normas sociais (Haracopos et al., 1992). As características do Espetro do Autismo impactam negativamente o seu envolvimento social devido às suas particularidades de comunicação e interesses, o que pode dificultar a construção de relacionamentos e vivências românticas.

A literatura existente sobre a sexualidade e autismo, apesar de estar em crescimento, é ainda insuficiente para conhecer, por exemplo, qual o impacto do autismo na vivência e expressão da sexualidade e quais as necessidades de saúde sexual que jovens adultos/as com autismo manifestam. Uma revisão da literatura realizada por Miesen et al. (2016) mostrou uma associação entre o Espectro do Autismo e disforia de género. A evidência disponível sugere que ambas as condições co-ocorrem de forma frequente (Van Der Miesen et al., 2016). Além disso, outros estudos concluíram também que a PEA é muito comum entre

indivíduos com disforia de gênero (Ehrensaft, 2018), constatando-se uma menor identificação com o sexo biológico (Dewinter et al., 2017), i.e., designado à nascença, quando comparados com indivíduos neurotípicos. Outro estudo observou que a PEA apresenta uma forma singular de formação e consolidação da identidade de gênero (George & Stokes, 2017). Não obstante, para pessoas autistas, a sua orientação sexual está associada à sua experiência de gênero (George & Stokes, 2017). Strunz et al. (2017) apontaram que indivíduos com autismo preferiam relacionar-se com outros indivíduos com autismo, uma vez que não surgem com tanta frequência disparidades a nível de necessidades e/ou expectativas, tornando-se assim mais fácil o estabelecimento da relação.

A literatura disponível mostra também que jovens autistas podem ser mais vulneráveis à experiência de disfunção sexual (Turner et al., 2019) e enfrentar dificuldades ao nível da saúde sexual e relacionamentos românticos (Byers et al., 2012). Os estudos disponíveis mostram que pessoas autistas sem relacionamento amoroso relatam níveis inferiores de desejo sexual e maiores dificuldades na excitação sexual comparativamente às pessoas jovens-adultas neurotípicas (Byers et al., 2013). Não obstante, a literatura é ainda escassa nesta temática, tornando-se fundamental compreender as necessidades não atendidas em saúde sexual nesta população. Neste sentido, a presente revisão teve como objetivo fazer o levantamento, síntese e mapeamento da literatura relativa às necessidades específicas de saúde sexual de pessoas com PEA.

2. Método

Para a realização desta revisão foram seguidas recomendações e metodologias propostas pelo manual Joanna Briggs Institute (JBI) (Micah DJ Peters et al., 2024). Apesar de ser uma temática de estudo de interesse crescente, conforme foi referido anteriormente, a literatura disponível é ainda escassa e apresenta diferentes definições relativas às necessidades de cuidados de saúde sexual nas pessoas autistas. Desta forma, o objetivo do presente trabalho foi fazer o levantamento, síntese e mapeamento da literatura relativa às necessidades específicas de saúde sexual desta população, tendo-se optado por seguir o método de *scoping review* (Munn et al., 2018). Segundo as recomendações do JBI Manual foi definida a questão de investigação com base na literatura relevante e, posteriormente, elaborado o protocolo de revisão de acordo com a estrutura PICO- população, intervenção, comparação e *outcome*, seguindo as *guidelines* Prisma: *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses–Extension for Scoping Reviews*- PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018). Este protocolo foi pré-registado e publicado no Open Science Framework (<https://osf.io/d8yxm>), antes de se proceder à pesquisa e análise de dados. Em seguida, realizou-se uma pesquisa nas bases de dados científicas relevantes de modo a identificar os estudos pertinentes, utilizando uma estratégia de pesquisa que refletisse a questão de investigação, usando termos de pesquisa que espelhassem as necessidades não atendidas e os critérios de inclusão e exclusão definidos. Posteriormente, procedeu-se à análise dos estudos, segundo os critérios de inclusão e exclusão, seguindo um processo iterativo da equipa e as orientações da PRISMA-ScR. Foram, depois, mapeados os estudos segundo um método descritivo-analítico, identificando e descrevendo as tendências e associações em relação à frequência e variação de variáveis de saúde sexual (conhecimento sexual; comportamento sexual; experiência sexual e a preocupação sexual; satisfação sexual; excitação sexual; interesse e desejo sexual; e inibição sexual e ansiedade sexual; sensibilidade sensorial; competências sociais e interpessoais; identidade e orientação sexualidade) para avaliar as evidências. Finalmente, os resultados foram reunidos em 4 grupos e resumidos de forma crítica, de acordo com as necessidades que emergiram dos estudos.

2.1. Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios definidos para a inclusão dos estudos foram os seguintes: (1) Pessoas adultas (+18 anos) diagnosticadas com PEA; (2) Estudos Qualitativos, Quantitativos ou Mistos; (3) Estudos utilizando medidas para avaliação de indicadores de saúde sexual, nomeadamente, bem-estar sexual, função sexual [e.g., Índice Internacional da Função Erétil (Rosen et al., 1997), Índice da Função Sexual Feminina (Rosen et al., 2000)], satisfação sexual [e.g., Inventário Golombok-Rust de Satisfação Sexual (Rust & Golombok, 1985); Escala de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976)], frequência de atividades sexuais, sofrimento sexual [e.g., Escala de Desadaptação Sexual Feminina-Revista (DeRogatis et al., 2008)] e medidas validadas de avaliação de indicadores de saúde e bem-estar [e.g., Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (The WHOQoL Group, 1998); Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Derogatis, 1993); Questionário de Saúde do Paciente-9 (Kroenke et al., 2001); Escala de Ansiedade Generalizada (Spitzer et al., 2006)]; (4) Estudos utilizando análises estatísticas e dados qualitativos; (5) Estudos publicados em Inglês.

Os critérios de exclusão adotados foram os seguintes: (1) Estudos incluindo amostras de participantes com comorbidades físicas e défices intelectuais; (2) Literatura “cinzenta”.

2.2. Bases de dados e estratégia de pesquisa

As pesquisas foram conduzidas nas bases de dados PubMed, ScienceDirect, Wiley Online Library, EBSCO, Web of Science e Cochrane Reviews, em janeiro de 2024, utilizando as seguintes expressões de pesquisa constituídas por termos descrevendo necessidades não satisfeitas relacionadas com a saúde sexual, combinadas com o conector “AND” para termos relacionados com o tópico de interesse:

1- “(autism OR autistic OR ASD OR “autism spectrum disorder”) AND (“sexual health” OR sexuality OR “sexual needs” OR “unmet supportive care needs” OR “sexual unmet needs” OR “sexual healthcare needs” OR “sexual health unmet care needs”) AND (adults OR “young adults”)”.

2- “(autism or ASD or “autism spectrum disorder”) and (“sexual function” OR “sexual wellbeing” OR “sexual activity” OR “sexual satisfaction” OR “sexual frequency”) and (“young adult” or adult)”.

2.3. Processo de extração de dados (extração e codificação)

Os artigos identificados foram inicialmente analisados pelo título e pelo resumo por uma das pessoas revisoras, que identificou potenciais inclusões, e segundo os critérios de elegibilidade. Os estudos identificados como potenciais inclusões através da primeira seleção foram então submetidos a uma análise completa do texto e excluídos segundo os critérios definidos previamente. Todas as pessoas autoras discutiram a elegibilidade das potenciais inclusões e concordaram com a seleção final dos estudos a incluir nesta revisão.

2.4. Apresentação de Dados

Os dados apresentados nesta *scoping review* resultam dos artigos extraídos por intermédio da estratégia de procura e processo de seleção representados no fluxograma da Figura 1, conforme as orientações do Prisma-ScR. Para obter os principais resultados dos estudos mais relevantes para a questão de investigação, foi adotada uma abordagem descritivo-analítica. Realizou-se uma análise descritiva dos estudos no que respeita aos desenhos de estudos adotados, população, amostra e outras dimensões- Estratégia PICO (Tabela 1). Na Tabela 2 encontram-se descritos os estudos incluídos nesta *scoping review*.

De acordo com o método de pesquisa e seleção descritos no fluxograma PRISMA-ScR, 15 artigos foram incluídos nesta *scoping review*. Tendo em conta o objetivo do estudo e a questão de investigação, foram mapeadas as principais características dos artigos selecionados. Quanto ao modelo de investigação, todos os estudos se caracterizaram por serem metodologias transversais. Relativamente às características da amostra, todos os 15 estudos (100%) foram realizados com indivíduos diagnosticados com PEA, sendo que em dois dos estudos a população tinha que estar num relacionamento atual ou recentemente terminado e um tinha como critério de inclusão a população estar solteira. Alguns estudos ($n=7$, 46.7%) tinham como critério de inclusão o diagnóstico formal da perturbação. Não

obstante, o bom funcionamento intelectual era um requisito na seleção da população na maioria dos estudos ($n=9$, 60%). Finalmente, alguns dos estudos também identificaram a orientação sexual das pessoas que constituíram as amostras ($n=6$, 40%).

Além disso, através de uma abordagem descritivo-analítica interativa dos resultados globais dos estudos foi possível estruturar e organizar a informação em quatro grupos. O primeiro grupo de estudos ($n=8$) focou-se em variáveis relativas às dimensões da sexualidade (nomeadamente, o conhecimento sexual, comportamento sexual e experiência sexual) de adultos diagnosticados com PEA. O segundo grupo ($n=9$) centrou-se nas variáveis do funcionamento sexual (detalhadamente: Satisfação Sexual; Excitação Sexual; Interesse e Desejo Sexual). O terceiro grupo ($n=10$) abrangeu variáveis relativas aos desafios sexuais dentro da PEA (particularmente a sensibilidade sensorial e as competências sociais e interpessoais). Finalmente o quarto grupo ($n=7$) debruçou-se sobre as variáveis relativas à identidade e sexualidade (tais como a identidade de género e a orientação sexual). Na Tabela 2 estão detalhadas as principais informações relativas aos estudos seleccionados.

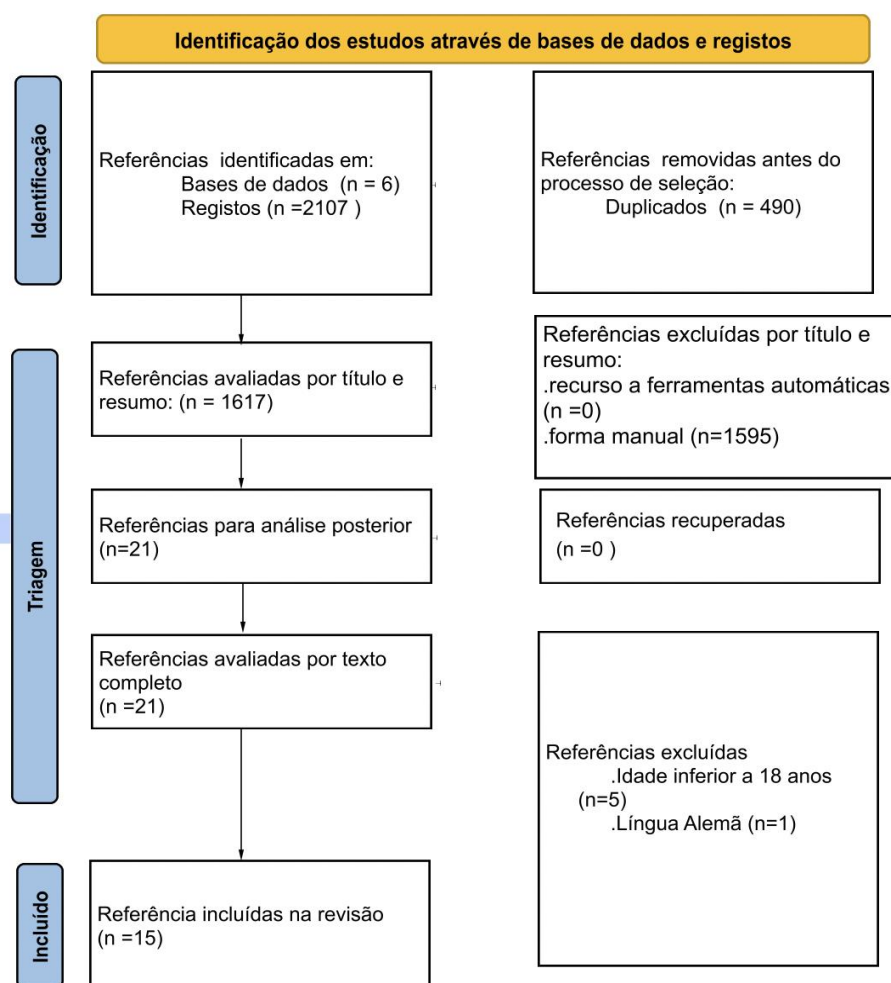


Figura 1. Fluxograma Prisma: estratégia de pesquisa e processo de seleção de estudos. Adaptado e Traduzido (Prisma, 2020)

Tabela 1. Estratégia PICO: população, intervenção, comparação, *outcomes*.

População	Pessoas adultas (+18 anos) diagnosticadas com PEA. Sem comorbilidades físicas e/ou défices intelectuais.
Intervenção	Serão incluídos estudos que abordem as necessidades de cuidados de saúde sexual não satisfeitas de adultos com autismo.
Comparação	N/A
<i>Outcomes</i>	Serão incluídos resultados relacionados com a sexualidade e as necessidades de cuidados de saúde sexual não satisfeitas, não só para aprofundar as lacunas existentes na literatura, mas também para permitir a caracterização das necessidades não satisfeitas desta população. Medidas validadas de saúde sexual, nomeadamente: bem-estar sexual, função sexual (por exemplo, IIEF, FSFI), satisfação sexual (por exemplo, GMSEX, DAS), frequência de atividades sexuais, sofrimento sexual (por exemplo, FSDS-R) – e medidas validadas de saúde e bem-estar (por exemplo, WHOQoL, BSI, PHQ-9, GAD-7) serão incluídos.

Tabela 2. Características dos Estudos Incluídos

Ano	Autor	Título	População	Objetivos do estudo	Design do estudo
2013	Byers, Nichols & Voyer	“Challenging stereotypes: sexual functioning of single adults with high functioning autism spectrum disorder”	121 adultos autistas	Analisar e avaliar o funcionamento sexual de adultos solteiros autistas	Transversal
1991	Ousley & Mesibov	“Sexual attitudes and knowledge of high-functioning adolescents and adults with autism”	21 adultos autistas; 20 adultos com atraso cognitivo moderado	Avaliar o conhecimento e interesse sexual de adultos autistas. Obter informação relativa às atitudes, experiências e conhecimentos sexuais da população.	Transversal
2015	Barnett & Maticka-Tyndale	“Qualitative Exploration of Sexual Experiences Among Adults on the Autism Spectrum: Implications for Sex Education”	24 adultos autistas	Procura preencher as lacunas científicas, aprofundar as experiências e perspectivas sexuais na ótica dos indivíduos autistas	Transversal
2019	Turner, Briken & Schöttle	“Sexual Dysfunctions and Their Association with the Dual Control Model of Sexual Response in Men and Women with High-Functioning Autism”	96 adultos autistas; 96 adultos neurotípicos	Avaliar a expressão de sintomas de disfunções sexuais e avaliar a propensão individual de excitação e inibição sexual em adultos autistas	Transversal, com grupo de controle
2019	Pecora, Hancock, Mesibov & Stokes	“Characterizing the Sexuality and Sexual Experiences of Autistic Females”	135 mulheres autistas; 96 homens autistas; 161 mulheres neurotípicas	Analisar quantitativamente o funcionamento sexual de mulheres autistas, comparando com o interesse, comportamentos e experiência de homens autistas e mulheres neurotípicas.	Transversal, com grupo de controle
2018	Bush	“Dimensions of Sexuality Among Young Women, With and Without Autism, With Predominantly Sexual Minority Identities”	248 mulheres autistas; 179 mulheres neurotípicas	Explorar e analisar diversos aspectos da sexualidade humana (desejo sexual, comportamento sexual, satisfação sexual, consciência sexual)	Transversal, com grupo de controle
2010	Mehzabin & Stokes	“Self-Assessed Sexuality in Young Adults with High-Functioning Autism”	39 adultos neurotípicos; 21 adultos autistas	Avaliar a experiência sexual, o comportamento sexual e social e ainda a compreensão da privacidade em adultos autistas	Transversal, com grupo de controle
2013	Byers, Nichols, Voyer & Reilly	“Sexual Well-Being of a Community Sample of High-Functioning Adults on the Autism Spectrum Who Have Been in a Romantic Relationship”	141 adultos autistas	Explorar diversos fatores associados ao bem-estar sexual de adultos autistas	Transversal

Tabela 2. Continuação

Ano	Autor	Título	População	Objetivos do estudo	Design do estudo
2017	Pearlman-Avni, Cohen & Eldan	“Sexual Well-Being and Quality of Life Among High-Functioning Adults with Autism”	31 adultos autistas	Analisar a influência de que um relacionamento íntimo gera na qualidade de vida e bem-estar de adultos autistas	Transversal
2019	Byers & Nichols	“Prevalence and Frequency of Online Sexual Activity by Adults With Autism Spectrum Disorder”	331 adultos autistas	Analisar a prevalência e a frequência com que adultos autistas se envolvem em atividades sexuais online	Transversal
2014	Byers & Nichols	“Sexual Satisfaction of High-Functioning Adults with Autism Spectrum Disorder”	205 adultos autistas	Analisar a validade do Modelo de Intercâmbio Interpessoal de Satisfação Sexual como sendo uma ferramenta para a compreensão da satisfação sexual de adultos autistas	Transversal
2011	Gilmour, Schalomón & Smith	“Sexuality in a community based sample of adults with autism spectrum disorder”	82 adultos autistas; 282 adultos neurotípicos	Avaliar os conhecimentos e experiências sexuais de adultos autistas	Transversal, com grupo de controle
2020	Bush, Williams & Mendes	“Brief Report: Asexuality and Young Women on the Autism Spectrum”	247 mulheres autistas	Explorar aspectos da sexualidade e do bem-estar em mulheres autistas Comparando com as suas experiências com as de outros adultos autistas assexuais e com outras orientações sexuais	Transversal
2023	Yew, Hooley & Stokes	“Factors of Relationship Satisfaction for Autistic and Non-Autistic Partners in Long-Term Relationships”	95 adultos autistas; 65 adultos neurotípicos	Analisar vários fatores e a sua associação com a satisfação dentro de um relacionamento a longo prazo em adultos autistas. Comparando com relacionamentos atuais ou anteriores de longo prazo de adultos autistas	Transversal, com grupo de controle
2021	Gray, Kirby & Holmes	“Autistic Narratives of Sensory Features, Sexuality, and Relationships”	78 adultos autistas	Explorar as características sensoriais de adultos autistas e compreender como as mesmas impactam as experiências sexuais e os relacionamentos	Transversal

2.5. Resultados

Uma das pessoas autoras transferiu os resultados das pesquisas de dados (2107 artigos) no Rayyan Intelligent Systematic Review, uma ferramenta de inteligência artificial desenvolvida para auxiliar os autores na condução de revisões sistemáticas. Numa primeira fase, o programa detetou os artigos duplicados e foram excluídos manualmente 490 artigos por uma das pessoas autoras (AB). Em seguida, a mesma pessoa selecionou independentemente os artigos por títulos e resumos com base nos critérios de inclusão e exclusão. Os artigos que suscitaram dúvidas foram analisados em conjunto com outra pessoa autora para análise e decisão quanto à inclusão ou exclusão. O número de artigos potencialmente relevantes (21 artigos) foi registado e considerado para a leitura de texto completo utilizando os mesmos critérios. Por último, realizou-se uma leitura integral dos artigos selecionados no primeiro *screening* por duas pessoas autoras (AB e HR), resultando num total de 15 artigos incluídos nesta *scoping review* (Figura 1).

3. Apresentação dos Resultados

Os dados extraídos dos estudos incluídos neste trabalho foram agrupados em 4 temas gerais: Dimensões da Sexualidade, Funcionamento Sexual, Desafios Sexuais Dentro da PEA e Identidade Sexual e a Orientação Sexual.¹

3.1. Dimensões da Sexualidade

As dimensões da sexualidade exploradas pelos estudos foram vastas, incluindo o conhecimento sexual, comportamento sexual e experiência sexual, e o funcionamento sexual.

3.1.1. Conhecimento Sexual

De acordo com os estudos encontrados, pessoas adultas com autismo, de um modo geral, tendem a apresentar um bom conhecimento sexual. De acordo com o estudo de Byers et al. (2013b), em média, pessoas adultas com PEA indicaram bons níveis de conhecimento acerca de diversas áreas da sexualidade suscetíveis de influenciar positivamente o funcionamento sexual (Byers et al., 2013b). Não obstante, de acordo com outro estudo conduzido pelas mesmas pessoas autoras (Byers et al., 2013a), para além do elevado conhecimento sexual verificado nesta população, foi possível compreender que pessoas que se identificaram com o género feminino manifestaram uma tendência para apresentar um maior conhecimento sexual, quando comparado ao género masculino.

3.1.2. Comportamento Sexual e Experiência Sexual

De entre os estudos identificados, vários analisaram e estudaram o comportamento sexual desta população. De uma forma global, os estudos mostraram que, quando comparados com a população neurotípica, as pessoas com autismo mostraram um menor

¹ É igualmente importante destacar que ao longo desta *scoping review* a linguagem e expressões utilizadas fundamentam-se na que os estudos em análise empregaram

envolvimento em atividade sexual (Bush, 2018; Mehzabin & Stokes, 2010). Adicionalmente, foi possível também apurar que, apesar da atividade sexual nesta população ser globalmente inferior quando comparada com a neurotípica, as pessoas que se identificaram com o gênero masculino mostraram ainda menor atividade sexual comparativamente às do gênero feminino (Ousley & Mesibov, 1991). As pessoas PEA que se identificam com o gênero feminino parecem envolver-se com maior regularidade em comportamentos sexuais (Bush, 2018) e com menor frequência em atividade sexual solitária (Byers et al., 2013b), apresentando, contudo, maiores taxas de arrependimento relativamente a comportamentos sexuais adotados no passado (Pecora et al., 2019).

No que diz respeito à adoção de comportamentos sexuais solitários, os estudos mostraram que estes tendem a ocorrer com maior frequência do que os comportamentos sexuais diádicos em pessoas com PEA (Bush, 2018; Byers et al., 2013a; Byers et al., 2013b; Mehzabin & Stokes, 2010; Ousley & Mesibov, 1991). Neste sentido, as práticas de masturbação parecem acontecer de forma mais regular (e.g., pelo menos uma vez por semana), do que a atividade sexual com uma pessoa parceira. Ainda, as pessoas com PEA que se encontravam em relacionamentos afetivos apresentaram trocas afetivas e sexuais com maior frequência do que pessoas autistas que não se encontram num relacionamento (Byers, et al. (2013b).

No que respeita ao envolvimento em atividades sexuais via *online*, apesar de inicialmente haver evidência da sua baixa ocorrência (Byers et al., 2013b), estudos recentes mostraram que cerca de dois terços das amostras de pessoas autistas referiram envolver-se nas referidas atividades. Cerca de 54% das pessoas entrevistadas referiu já ter participado numa atividade sexual online solitária e 12% tinha participado numa atividade sexual online com uma pessoa parceira. As atividades mais comuns referem-se a assistir a vídeos sexualmente explícitos online, masturbação e leitura de material erótico online. Os participantes que se identificaram com o gênero masculino, principalmente na faixa dos vinte anos, apresentaram um maior envolvimento nestas atividades, considerando-as como uma tentativa de procura de informação e experiência.

Dos estudos analisados, foi possível verificar que o predomínio de atividade sexual solitária e o menor envolvimento em comportamentos sexuais poderá estar associado à identificação destas pessoas enquanto assexuais. Estes adultos relatam uma frequência de atividade sexual cinco vezes menor às relatadas por pessoas com outras orientações sexuais

e revelam um maior envolvimento em atividades como a masturbação, visualização de conteúdo erótico e obtenção de orgasmo de forma solitária (Bush, et al., 2020). A menor experiência sexual das pessoas com PEA (Mehzabin & Stokes, 2010) poderá ser explicada pelos défices sociais associados ao autismo (Ousley & Mesibov, 1991). Em particular, em pessoas do sexo masculino e com orientação sexual heterossexual, a experiência sexual pode encontrar entraves devido às expectativas de uma sociabilidade adequada, nomeadamente no que respeita à sedução e cortejamento, os quais são influenciados pelas capacidades de comunicação verbal, não verbal e de interação (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015). Em contrapartida, pessoas autistas do sexo feminino parecem revelar um maior número de experiências sexuais, inclusive indesejadas, quando comparadas com os homólogos masculinos (Pecora et al., 2019).

3.2. Funcionamento Sexual

Os estudos destacaram diferentes dimensões associadas ao funcionamento sexual, tais como: Interesse e Desejo Sexual; Excitação Sexual; Satisfação Sexual; e Inibição Sexual e Ansiedade Sexual. Estas variáveis são essenciais para compreender a intrincada natureza da vida sexual das pessoas autistas dado que as mesmas impactam diretamente o bem-estar e saúde sexual dos indivíduos.

3.2.1. Interesse e Desejo Sexual

A literatura analisada mostra que as pessoas com autismo apresentam interesse e desejo sexual, salientando-se, contudo, diferenças de género. Pessoas com PEA que se identificam como homens assinalam maior interesse em experiências sexuais, relacionamentos e atividades sexuais, quando comparados ao género feminino (Bush, 2018; Gilmour et al., 2011; Ousley & Mesibov, 1991; Pecora et al., 2019). Contudo, pessoas autistas indicam sentir desejo sexual moderado para o envolvimento num relacionamento sexual com alguém e/ou de forma solitária (Byers et al., 2013a, 2013b), conforme demonstrado no estudo de Byers et al. (2013a) no qual a maioria das pessoas com autismo indicou não ter tido qualquer atividade sexual diádica no mês anterior, incluindo beijos, toque ou relações sexuais. Comparativamente com indivíduos neurotípicos, as pessoas

autistas indicam níveis significativamente mais baixos de desejo sexual, em particular por atividades sexuais com outras pessoas, embora apresentem níveis semelhantes de desejo por atividade sexual solitária (Bush, 2018). Participantes que se identificaram com o gênero masculino, heterossexuais e que apresentavam menor sintomatologia do Espectro do Autismo, indicam maior desejo sexual diádico (Byers et al., 2013b). Por oposição, as pessoas autistas que relataram uma maior atração pelo mesmo sexo, apresentavam maior desejo sexual solitário (Byers et al., 2013a). Indivíduos autistas que se identificam com o espectro da assexualidade indicaram níveis significativamente mais baixos de desejo sexual em geral, incluindo menor desejo de atividade sexual em parceria e a solo (Bush et al., 2020).

Finalmente, a idade também parece ter um efeito no desejo sexual. Bush (2018) indicou que os indivíduos autistas mais velhos apresentavam maiores níveis de desejo sexual.

3.2.2. Excitação Sexual

Os dados disponíveis mostram que as pessoas autistas que se identificam com o gênero masculino apresentam maiores níveis de excitação sexual, mas também mais dificuldades ao nível do funcionamento erétil, comparativamente a adultos neurotípicos (Turner et al., 2019). Comparativamente às mulheres autistas, homens com PEA apresentam maiores níveis de excitação sexual (Byers et al., 2013a; Pecora et al., 2019; Turner et al., 2019), particularmente quando consideravam ter menos sintomatologia do Espectro do Autismo (Byers et al., 2013a). Por fim, de acordo com o estudo de Byers et al. (2013a), pessoas autistas sem experiência de relacionamento apontam níveis de excitação sexual mais baixos comparativamente às pessoas autistas num relacionamento.

A ansiedade tende a exercer influência no desejo sexual e na excitação. Segundo o estudo de Byers et al. (2013a), pessoas adultas autistas, de uma forma geral, tendem a relatar baixos níveis de ansiedade sexual. O gênero também poderá influenciar a vivência da ansiedade sexual assim como a maior ou menor inibição sexual. De acordo com o estudo conduzido por Byers et al. (2013a), as participantes que se identificaram com o gênero feminino tendem a relatar ansiedade sexual significativamente mais elevada. Não obstante, adultos que se identificaram com o sexo masculino e com menor sintomatologia do Espectro do Autismo indicaram menor ansiedade sexual (Byers et al., 2013a). Já adultos autistas que se identificavam como sendo assexuais apontaram sintomas de ansiedade significativamente

mais baixos quando comparados com outras orientações sexuais (Bush et al., 2020). Não obstante, o estar/ou não num relacionamento parece influenciar a vivência de ansiedade sexual. Pessoas adultas autistas solteiras reportam, por vezes, ansiedade sexual. As pessoas adultas autistas sem experiência relacional parecem relatar ansiedade sexual mais elevada quando comparadas a pessoas adultas autistas com experiência (Byers et al., 2013a). A literatura aponta uma relação bidirecional entre a inibição sexual e a ansiedade sexual. Adultos autistas identificados como homens indicaram maior propensão para a inibição sexual devido a uma ameaça de falha no desempenho ou antecipação de consequências no seu desempenho. Pessoas com PEA que se identificam como mulheres apresentam maior inibição sexual quando comparadas a pessoas neurotípicas que se identificam como sendo mulheres, possivelmente devido ao maior risco de serem vítimas sexuais (Turner et al., 2019).

3.2.3. Satisfação Sexual

Segundo Turner et al. (2019) e Byers & Nichols (2014), pessoas autistas, em geral, revelam uma menor satisfação sexual quando comparados a pessoas adultas neurotípicas. Não obstante, os estudos conduzidos por Byers et al. (2013b) e por Byers & Nichols (2014) indicaram que autistas com maior sintomatologia relatam níveis mais baixos de satisfação sexual. Estes resultados são consonantes com os apresentados por Barnett e Maticka-Tyndal (2015), indicando que a satisfação poderá ser influenciada pelas dificuldades de comunicação social e comportamentos incomuns ou repetitivos.

Byers et al. (2013b) sugeriu que o estar num relacionamento estaria relacionado com uma maior satisfação sexual, porém Pearlman-Avnion et al. (2017) não concluíram o mesmo. No estudo que conduziram, mostraram que não parece haver uma interdependência entre o estar num relacionamento e a satisfação sexual. Aliás, nas pessoas autistas a satisfação sexual parece ter aumentado à medida que o envolvimento sexual diminuiu. Yew et al. (2023) indicaram algo diferente, afirmando que indivíduos autistas tendencialmente apresentavam maior satisfação sexual quando comparados a neurotípicos. Esta conclusão díspar dos outros estudos poderá ser explicada uma vez que os participantes do estudo mantinham relações de sucesso e de longo prazo, retomando a ideia elaborada por Byers et al. (2013b).

Pessoas autistas que se identificam como sendo assexuais ou até com outras orientações sexuais indicam variações na satisfação sexual. Deste modo, segundo Bush et al. (2020), de um modo global, participantes que se identificam como assexuais apresentaram maiores níveis de satisfação sexual quando comparados com indivíduos com outras orientações sexuais. Neste estudo, participantes assexuais indicaram níveis mais elevados de satisfação sexual, possivelmente associados a uma maior satisfação com atividade sexual solitária. Por outro lado, participantes com as restantes orientações sexuais assinalavam desejo por relações sexuais com parceiro e, neste sentido, indicaram níveis mais baixos de satisfação sexual. Este segundo grupo apontou vivenciar barreiras na obtenção do tipo de vida sexual desejada, nomeadamente disponibilidade e oportunidade de conhecer uma pessoa parceira.

3.3. Desafios Sexuais Dentro da PEA

A literatura abordou um amplo leque de resultados relativos aos desafios e características comuns no autismo, os quais impactam diretamente a vida sexual. A sensibilidade sensorial frequente no autismo e as competências sociais e de comunicação tiveram um grande destaque nos estudos permitindo desta forma compreender em que medida o autismo pode ou/não influenciar a sexualidade das pessoas adultas.

3.3.1. Sensibilidade Sensorial

As questões sensoriais características do Espectro do Autismo foram um tópico analisado por diversos estudos. Byers et al. (2013a) apontou que alguns problemas sensoriais como a insensibilidade e a defensividade tátil pareciam tornar pessoas adultas autistas sem experiência em relacionamentos menos interessadas no envolvimento em atividades sexuais diádicas. Barnett e Maticka-Tyndale (2015) demonstraram que as pessoas autistas assinalaram dificuldades na regulação sensorial, o que, por vezes, perturbava do ponto de vista emocional ou tornava o contacto físico doloroso. Muitos participantes indicam experimentar uma sobrecarga sensorial (certas sensações associadas às relações sexuais, por exemplo, sons e gestos os quais são extremamente penosos ou desagradáveis) ou apontaram que determinadas sensações associadas ao sexo, por exemplo, sons e texturas eram dolorosas

ou extremamente desagradáveis. Isto levou a que provavelmente algumas das pessoas participantes construíssem uma associação dolorosa com o sexo enquanto outras tivessem a capacidade de gerir a sobreestimulação e a sensibilidade a determinadas sensações para conseguirem uma experiência sexual agradável. Turner et al. (2019) mostrou que o funcionamento sexual poderá ser influenciado pela hipersensibilidade sentida por adultos autistas que se identificam como homens. À vista disso, as hipersensibilidades por eles vividas podem levar a que pistas discretas (pequenos toques, algumas imagens ou movimentos; alguns sons ou entoação; certos cheiros), mesmo que não sexuais, sejam percecionadas como algo intenso e sexualmente excitante, o que provavelmente indica que estes adultos ficam sexualmente excitados mais facilmente. Não obstante, Turner et al. (2019) destacaram que tão rapidamente surge esta excitação sexual como também diminui novamente, uma vez que, devido à hipersensibilidade referida, é necessária uma estimulação constante e cada vez mais forte para manter a excitação sexual num nível apropriado levando a que a função erétil fique comprometida devido à rápida diminuição da excitação no decorrer da estimulação sexual. Por outro lado, no seu estudo, parece haver indicações de que enquanto nos adultos autistas que se identificaram como sendo do género masculino as hipersensibilidades parecem ter peso nas disfunções, nas que se identificam com o género feminino parece ter maior impacto a hipossensibilidade. No entanto, aquelas que se identificam com o género feminino apontaram problemas de dor sexual mais recorrente, o que poderá sugerir que não somente a hipossensibilidade, mas também a hipersensibilidade poderá ser importante dado que a relação sexual poderá ser normalizada como dolorosa. Gray et al. (2021) no seu estudo, também indicou que as características sensoriais parecem constituir um fator que poderá ter um impacto significativo nas experiências sexuais de pessoas no Espectro do Autismo. Aliás, indicou ter encontrado algumas evidências que indicam que as experiências sexuais e de relacionamento foram influenciadas por traços sensoriais, nomeadamente o tato, a visão, a audição e o olfato. Apesar de o desejo por atividade sexual indicada por estes indivíduos autistas, os participantes do estudo descreveram reações nocivas às imagens, sons, cheiros e sensações táteis durante o sexo, intimidade e atividades românticas. Por este motivo, pessoas com autismo parecem evitar a atividade sexual diádica e procuram mais ativamente atividades sexuais solitárias. Porém, segundo Byers et al. (2013b) pessoas autistas que se identificam como mulheres apontam menor envolvimento em atividades sexuais solitárias quando comparadas a pessoas autistas que se identificam como homens.

3.3.2. Competências sociais e interpessoais

Segundo Turner et al. (2019), os problemas sexuais em pessoas autistas parecem ser em grande parte, atribuídos aos sintomas específicos da perturbação, tais como as competências sociais e interpessoais prejudicadas, as dificuldades na tomada de perspectiva e na teoria da mente.

As dificuldades e défices de indivíduos adultos autistas parecem contribuir para a falta de encontros e experiências sexuais (Ousley & Mesibov, 1991). As dificuldades ou até incapacidades de interpretar e compreender a comunicação verbal e não-verbal parecem colocar entraves nos relacionamentos (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015). Vários estudos apontaram as competências de comunicação como um obstáculo nos relacionamentos, nomeadamente, na satisfação numa relação a longo prazo e dificuldade ao dar início a relacionamentos românticos (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015; Gray et al., 2021; Mehzabin & Stokes, 2010; Turner et al., 2019; Yew et al., 2023). Aliás, comparativamente a pessoas neurotípicas, os indivíduos adultos com autismo têm tendência a apresentar taxas mais baixas de consciência sexual geral, nomeadamente a consciência dos próprios pensamentos, sentimentos sexuais, sensações sexuais, monitorização sexual e a consciência sobre como se apresentam sexualmente a outras pessoas. Indivíduos adultos mais velhos relatam maior consciência sexual (Bush, 2018).

A incapacidade de compreender regras subtis das interações sociais, interpretar emoções e entender pistas sociais parecem limitar as experiências sexuais (Ousley & Mesibov, 1991). De acordo com o estudo de Turner et al. (2019), a inflexibilidade cognitiva e comportamental, a desregulação afetiva, os défices na compreensão intuitiva de sinais de comunicação social e comunicação não-verbal e as dificuldades na tomada de perspectiva podem dificultar os relacionamentos para estas pessoas autistas. Ademais, Mehzabin & Stokes (2010), no seu estudo, também apontaram que dificuldades de interação social e na interpretação dos desejos ou sentimentos de outras pessoas poderão ser a justificativa para baixos níveis de comportamentos sexuais. A incapacidade de compreender corretamente os sinais verbais parece indicar que pessoas com autismo encontram-se alheias aos desejos dos outros. Adultos com autismo parecem ser menos capazes de comunicar de forma eficaz os seus gostos e desgostos sexuais ao parceiro (Byers & Nichols, 2014).

A intensidade dos desafios sociais e de comunicação autorrelatados por pessoas adultas autistas parecia estar associada ao nível de ansiedade e satisfação sexual. Os/as próprios/as participantes autistas também apontaram como a comunicação permite a

intimidade. Foi apontado que os sintomas característicos do espectro particularmente nos domínios sociais e de comunicação parecem estar associados a uma menor satisfação sexual, estima sexual e maior ansiedade sexual (Byers et al., 2013b; Byers & Nichols, 2014; Gray et al., 2021). Ademais, o impacto adverso dos sintomas do autismo nas trocas sexuais parece ser específico dos défices nas competências sociais (Byers & Nichols, 2014). Deste modo, Byers & Nichols (2014), sugeriram que os sintomas do autismo afetam negativamente as experiências das pessoas autistas nos seus relacionamentos sexuais, apontando ainda uma redução das recompensas sexuais, satisfação sexual e aumentando significativamente os custos sexuais. Assinalam também que indivíduos autistas com um equilíbrio favorável entre recompensas sexuais e custos sexuais e maior satisfação no relacionamento, relataram maior satisfação sexual.

As adultas autistas que se identificaram como mulheres apontam ter frequentemente, melhores capacidades de aprendizagem social, partilhar mais interesses comuns com o seu grupo de pares, ter estratégias de adaptação mais avançadas e mostrar menos interesses restritos e comportamentos repetitivos. Desta forma, os seus problemas em iniciar e manter uma relação romântica não parecem ser tão marcantes como adultos autistas que se identificam com o género masculino. Os participantes autistas que se identificam como sendo do sexo masculino indicam dificuldades em reconhecer e classificar os sinais de excitação e, por isso, nesse tópico diferem do grupo de participantes neurotípicos que se identificam com o sexo masculino (Turner et al., 2019).

3.4. Identidade sexual e a orientação sexual

A identidade e a orientação sexual surgiram com grande frequência na literatura, de facto, parece ser um tema explorado com relevo. Destaca-se a grande diversidade de identidades e orientações sexuais quando comparada a pessoas adultas neurotípicas.

Byers et al. (2013a) apontaram que a identidade sexual e a atração sexual não pareciam estar associadas ao funcionamento sexual. No seu estudo, metade das pessoas autistas com experiências de relacionamento (50%) indicaram que se identificam com diversas orientações sexuais, nomeadamente gay, lésbica, homossexual, bissexual ou sem orientação. 55% das pessoas participantes autistas indicaram atração por ambos os sexos. Adultas autistas indicaram pontuações significativamente mais baixas nas medidas de

heterossexualidade e pontuações mais elevadas nas medidas de bissexualidade e homossexualidade quando comparadas com o grupo de pessoas adultas neurotípicas (Byers et al., 2013a). Barnett & Maticka-Tyndale (2015) perceberam no seu estudo uma grande variedade de orientações sexuais (heterossexual, bicurioso, assexual e sapiossexual) e de identidades de género (masculina, feminina, genderqueer e andrógena). Indicaram também identidades relacionadas com o estilo de relacionamento ou preferências de pessoas parceiras íntimas (bissexual, pansexual, poliamoroso, heterossexual e heterorromântico). Assim no seu estudo, apontam nas pessoas adultas no Espectro do Autismo um grau considerável de não-conformidade de género e indicam maior prevalência de identidades não-heterossexuais. Bush (2018) indicou que pessoas adultas com autismo pareciam mais propensas do que pessoas adultas neurotípicas a relatar uma identidade de género não binária ou fluida e ainda apontam ser significativamente mais propensas a ter uma orientação sexual não heterossexual mais frequente: assexual, bissexual, pansexual e queer. Além de cisgénero, as identidades mais frequentemente relatadas pelas pessoas participantes com autismo foram as seguintes: sem género; género queer ou não-binário; “semigirl” ou “*somewhat but not entirely feminine*”; e género fluido. Byers & Nichols (2019) apontaram que os indivíduos que se identificam como heterossexuais parecem ter menos probabilidade do que aqueles que se identificam como uma minoria sexual de relatar excitação com pessoa parceira em atividades sexuais online. Pessoas adultas que se identificam como heterossexuais e de minorias sexuais parecem não se diferenciar na procura de informações, comunicação e na excitação a solo em atividades sexuais online. Byers & Nichols (2014) indica que pessoas autistas parecem identificar-se como uma minoria sexual. Sendo que parece ter sido encontrada maior taxa de assexualidade entre indivíduos com autismo (Gilmour, et al., 2011). No seu estudo, Gilmour et al. (2011), indicaram que as participantes autistas que se identificaram com o género feminino apresentaram um grau significativamente menor de heterossexualidade quando comparados com os participantes autistas que se identificam com o género masculino. Os resultados também sugeriram um maior grau de homossexualidade entre participantes autistas que se identificam com o género feminino, embora este efeito não tenha alcançado significância. No seu estudo indicaram uma taxa global mais elevada de homossexualidade entre participantes autistas que se identificam como sendo do sexo masculino e feminino. Bush et al. (2020) compreenderam no seu estudo que indivíduos autistas aparentam identificar-se com um extenso leque de orientações sexuais e diversas identidades de género. Cerca de 36% das pessoas participantes do estudo apontaram identidade de espectro assexual, 15% bissexual, 14% pansexual ou

polissexual, 10% queer e 6% gay ou lésbica. Poucas foram as pessoas participantes que indicaram identificarem-se exclusivamente como heterossexuais (8%). As pessoas participantes no espectro da assexualidade eram mais jovens do que aquelas com outras orientações sexuais. Bush et al. (2020) indicaram possíveis variáveis para a grande identificação com o espectro da assexualidade, nomeadamente a menor probabilidade de ter uma pessoa parceira sexual atualmente, ter menos pessoas parceiras sexuais ao longo da vida, vivenciar menor desejo sexual quer em parceria quer de forma solitária e menor número de comportamentos sexuais ao longo da sua vida.

4. Discussão dos Resultados

A abordagem central desta revisão partiu da importância emergente em compreender e investigar quais são as necessidades de saúde sexual vivenciadas por pessoas adultas com autismo. Neste estudo, foi notória a existência de lacunas na literatura sobre a sexualidade e o Espectro do Autismo. A sexualidade surge como uma temática presente na vida de todos os indivíduos e nas pessoas adultas com autismo comprovou-se que o mesmo não é distinto e apresentam um claro interesse no envolvimento em atividades sexuais (Ousley & Mesibov, 1991; Pecora et al., 2019; Bush, 2018; Gilmour et al., 2011), contudo enfrentam desafios muito distintos das pessoas adultas neurotípicas. Uma das questões com maior ênfase nesta revisão é quais são as necessidades sexuais que estas pessoas vivenciam e que não são atendidas. Além disso, surge a importância de compreender qual é a perspectiva da literatura existente sobre o tema, como o abordam e estudam. Os estudos incluídos nesta revisão diferiram de acordo com diversas variáveis da sexualidade que poderiam ser analisadas, demonstrando a complexidade e diversidade sexual em pessoas adultas com autismo e confrontando as ideias e investigações mais primitivas que julgam a total assexualidade desta população. Os estudos indicam que pessoas adultas autistas possuem uma sexualidade tão ampla e complexa quanto a de pessoas adultas neurotípicas e por esse motivo torna-se importante compreender o seu funcionamento sexual.

As dificuldades sociais, as questões sensoriais e as limitações interpessoais impactam de um modo significativo e negativo a vida e a experiência sexual de indivíduos adultos autistas, assinalando dificuldades como a hipersensibilidade, hipossensibilidade, dificuldades na comunicação e interpretação da linguagem verbal e não verbal, defensividade tátil, percepção da relação sexual como emocionalmente e fisicamente dolorosa, entre outros (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015; Byers et al., 2013a; Byers et al., 2013b; Byers & Nichols, 2014; Ousley & Mesibov, 1991; Sarah Gray et al., 2021; Turner et al., 2019; Yew et al., 2023). Este resultado é congruente com aqueles encontrados na revisão sistemática de Hancock et al. (2017). As experiências sexuais são influenciadas por traços sensoriais (Gray et al., 2021) e por esse motivo é possível compreender as claras dificuldades e entraves que estas pessoas adultas vivenciam. De igual modo, a comunicação é um alicerce nos relacionamentos e por esse motivo as suas dificuldades no relacionamento e envolvimento sexual são marcadas. Assim, apesar do seu desejo evidente pelo envolvimento

sexual, apresentam uma menor satisfação sexual quando comparados a pessoas adultas neurotípicas (Turner et al., 2019; Byers & Nichols, 2014) confirmando o que Gray et al. (2021), Byers et al. (2013b) e Byers & Nichols (2014) apontaram nos seus estudo como um dos impactos originados pelos défices nos domínios sociais e da comunicação. Além do mais, evidenciam diferenças na satisfação sexual de acordo com as especificidades que cada indivíduo apresenta, ou seja, pessoas autistas com maior necessidade de suporte relatam menor satisfação quando comparados àqueles com menores necessidades (Byers et al, 2013b; Byers & Nichols, 2014). A experiência sexual também parece ser menor nas pessoas adultas autistas bem como o seu envolvimento em atividades sexuais (Bush, 2018; Mehzabin & Stokes, 2010), padrão que pode ser justificado pelos obstáculos na sua socialização, o que consoma a intimidade como um grande desafio (Barnett & Maticka- Tyndale, 2015; Turner et al., 2019). As expectativas de uma sociabilidade considerada adequada colocam entraves nas experiências sexuais, sobretudo a homens heterossexuais (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015). As taxas de consciência sexual destes adultos também são menores quer no que diz respeito à consciência dos próprios pensamentos, sentimentos sexuais, sensações sexuais, monitorização sexual e a consciência sobre como se apresentam sexualmente a outras pessoas (Bush, 2018), algo que parece ser resultado das limitações interpessoais e dificuldades sociais que vivenciam. Apesar das dificuldades anteriormente identificadas, a excitação aponta-se como moderada nas pessoas autistas (Byers et al, 2013b). Apresentam-se algumas diferenças de género nesta categoria sendo que o sexo feminino apresenta menor excitação (Byers et al, 2013a; Turner et al., 2019; Pecora et al.,2019) e o sexo masculino apresenta maior excitação do que adultos neurotípicos (Turner et al.,2019). O funcionamento erétil mostra-se comprometido nos homens autistas (Turner et al., 2019). É importante salientar também que os resultados que Turner et al. (2019) sugerem no seu estudo, relativo às questões da hipersensibilidade exercerem influência sob a excitação sexual de indivíduos adultos autistas, apontam não ser conclusivos. Isto porque os resultados poderão sofrer diferenças não captadas pelos instrumentos de avaliação atualmente utilizados sendo assim necessária mais investigação sobre o tema de forma a ser possível retirar conclusões mais precisas.

Outra dimensão que emergiu da nossa análise da literatura centra-se na grande diversidade de identidades e orientações sexuais (Barnett & Maticka-Tyndale, 2015; Bush, 2018; Gilmour et al., 2011). Apresentam com maior frequência a orientação não-heterossexual pontuando de forma mais elevada a bissexualidade, homossexualidade, e

ainda assexualidade. Relatam também com maior frequência uma identidade de gênero não-binária ou fluida. Byers et al. (2013a) apontaram que a identidade sexual e a atração sexual não pareciam estar associadas ao funcionamento sexual, contudo, o mesmo não se confirma. Pessoas adultas autistas assexuais apresentam um maior número de atividades sexuais solitárias e um menor envolvimento em comportamentos sexuais, evidenciando uma atividade sexual cinco vezes menor quando comparada às outras orientações sexuais. Não obstante, pessoas adultas no espectro da assexualidade apresentam também níveis mais baixos de desejo por atividade sexual, mas maior satisfação sexual (Bush, et al., 2020).

O comportamento sexual nas pessoas adultas autistas é um aspeto de importante análise dado que se verificou que o interesse e o desejo pelo envolvimento em atividades sexuais solitárias é maior e ocorre com maior frequência (Bush, 2018; Byers et al., 2013a; Byers et al., 2013b; Mehzabin & Stokes, 2010; Ousley & Mesibov, 1991). Verifica-se ainda que o sexo masculino demonstra o maior envolvimento, frequência e desejo nos comportamentos sexuais solitários (Bush, 2018; Byers et al., 2013a; Byers et al., 2013b). O envolvimento em atividades sexuais online também é significativo, especialmente no sexo masculino, utilizando plataformas online como uma forma de explorar e experimentar sexualidade (Byers & Nichols, 2019). Ademais o sexo masculino evidencia uma maior propensão, frequência e procura por informações sexuais online, isto poderá ser explicado pela maior dificuldade que os mesmos sentem em manter relacionamentos (Byers & Nichols, 2019).

A partir da leitura e análise da literatura, evidencia-se que a maioria dos estudos reflete a importância e necessidade do desenvolvimento de programas de saúde sexual, educação sexual e até a promoção de mais investigação no tema. Posto isto, mostra-se fundamental o desenvolvimento de programas e diretrizes que sejam capazes de dar resposta às necessidades das pessoas autistas e eduquem para os riscos e cuidados a nível sexual. Não obstante, é fundamental a análise das perspetivas e experiências das pessoas autistas de forma a conduzir e traçar planos personalizados.

Ao longo deste estudo, evidenciou-se o tipo de linguagem e abordagem que cada estudo analisado utilizou no seu trabalho com esta população. Considerar uma abordagem à luz da neurodiversidade num estudo é enriquecedor uma vez que permite uma compreensão completa e holística da população. Possibilitando intervenções e políticas mais eficazes e inclusivas. Na generalidade, os estudos não adotam esta perspetiva, sendo o olhar clínico o

mais proeminente. De facto, a maioria dos estudos utiliza uma linguagem patologizante relativa ao autismo como “autismo de alto funcionamento” e “perturbação/doença”, centrando-se também nos défices, sintomas e dificuldades das pessoas autistas. As pessoas participantes também não foram envolvidas ao longo de todas as etapas dos estudos. Isto comprova que a visão clínica e a patologização do autismo ainda está bastante presente e isso acarreta entraves no estudo do autismo: na condução de intervenções, no desenvolvimento e construção de literatura forte e com dados robustos na compreensão do autismo.

4.1. Implicações dos resultados

Perante as necessidades de saúde sexual encontradas nas pessoas autistas surge a necessidade emergente de melhorar os currículos e as políticas de saúde de modo a garantir o reconhecimento e o respeito pela diversidade. É igualmente importante investir na formação das famílias, das pessoas cuidadoras e profissionais. No mesmo sentido, é imprescindível o desenvolvimento de abordagens e intervenções personalizadas e compreensivas perante as questões singulares das pessoas autistas: investir em programas de saúde sexual direccionados às suas necessidades; procurar desenvolver estratégias eficazes que promovam o envolvimento sexual seguro e satisfatório; garantir suporte e compreender os interesses, desejos e necessidades sexuais; abordar os riscos sexuais e as experiências negativas; ajudar a lidar com as dificuldades e problemas que enfrentam; normalizar as singularidades características do autismo; e promover o bem-estar.

Garantir educação sexual formal e adequada no sentido de educar, prevenir e ajudar a minimizar as diferenças existentes. Incluir na educação sexual os profissionais de saúde e de educação e as famílias também seria importante de forma a serem capazes de compreender as necessidades, aumentar a consciência das suas práticas, desmistificar crenças, desconstruir preconceitos e, assim, garantir um suporte apropriado. Psicoeducar a população sobre o autismo, desconstruir mitos e estereótipos seria igualmente fundamental.

Apesar do aumento do conhecimento sobre o autismo e o maior interesse na exploração do mesmo, a sexualidade continua a ser um tópico muito negligenciado nas investigações, permanecendo irrelevante e de pouca investigação. É importante aumentar a conscientização sobre a sexualidade nas pessoas adultas com autismo para melhorar e direccionar resposta às suas carências de saúde sexual.

Os resultados sugerem que estudos futuros deveriam guiar-se sob o paradigma da neurodiversidade, respeitando as pessoas autistas na sua diversidade, experiências e necessidades.

Finalmente, seria importante adotar o *Public Patient Involvement* (PPI) em estudos futuros, envolvendo as pessoas participantes na totalidade das etapas da investigação: comunicando em todos os momentos; refletindo e sugerindo ideias na formulação do estudo; e ajustando os procedimentos e os materiais. Isto irá permitir ampliar a voz da comunidade e da respetiva população e desta forma adaptar e aprimorar a qualidade de serviços e ainda melhorar a experiência dos pacientes.

4.2. Limitações

Foram seguidas as recomendações do JBI Manual *for Evidence Synthesis* e as diretrizes do PRISMA-ScR de forma a garantir a qualidade desta *scoping review*; no entanto, é importante salientar algumas limitações do presente estudo. Em alguns estudos, as pessoas participantes não tinham um diagnóstico formal de autismo. Além do mais, as pessoas participantes dos estudos não foram envolvidas em todas as etapas dos estudos, não foi utilizado o PPI. O número de participantes em alguns estudos foi baixo o que poderá não ser representativo da população nem generalizável e, na maioria das vezes, o método do estudo baseava-se em questionários de autorrelato online ou entrevista online o que poderá introduzir vieses, como a desejabilidade social.

Estudos transversais também constituem limitações, nomeadamente uma visão limitada das diversas variáveis ao longo do tempo, não possibilitando uma visão evolutiva da sexualidade.

A literatura existente neste tema não é numerosa, contudo é uma área de estudo emergente e como tal futuras revisões de literatura serão importantes.

5. Conclusão

O objetivo deste estudo foi realizar o levantamento, síntese e mapeamento da literatura relativa às necessidades específicas de saúde sexual das pessoas autistas. Encontramos, desde 1991, 15 artigos que se centraram nas necessidades de saúde sexual desta população, os quais foram ao encontro dos critérios de inclusão elegidos. Os estudos foram agrupados em quatro temas gerais: Dimensões da Sexualidade, Funcionamento Sexual, Desafios Sexuais Dentro do Espectro e Identidade Sexual e a Orientação Sexual. Este estudo revelou inúmeras características e desafios únicos, evidenciando o quão complexa e diversa é a sexualidade das pessoas autistas.

As pessoas autistas revelaram um bom conhecimento sobre várias esferas sexuais, especialmente as pessoas que se identificam como mulheres, embora se envolvam com menor frequência em atividades sexuais quando comparadas a pessoas adultas neurotípicas. Os comportamentos solitários ocorrem com maior frequência. As pessoas autistas apresentam níveis moderados de satisfação sexual, esta dimensão é influenciada pelas características singulares do autismo e pelos seus contextos relacionais. A identidade de gênero e a orientação sexual são muito diversificadas, sendo que a heterossexualidade não é prevalente. Os desafios sensoriais caracterizam-se como um obstáculo significativo na sexualidade, afetando o funcionamento sexual.

Torna-se fundamental garantir o suporte e o apoio a estas pessoas adultas de forma a promover uma sexualidade satisfatória e inclusiva. É importante sensibilizar a população, as famílias e profissionais sobre as necessidades singulares que as pessoas autistas vivem. Conscientizar para a necessidade de preencher as lacunas que existem na educação e formação, promovendo programas de saúde sexual e educacionais inclusivos. Aponta-se também a necessidade de mais investigação e estudos na área para que além de construir literatura robusta sobre o tema, auxilie na construção de intervenções e estratégias mais inclusivas e direcionadas.

Referências

- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. APA. <https://www.turkpsikiyatri.org/arsiv/dsm-1952.pdf>
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-IV* (3th ed.). APA.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-IV* (4th ed.). APA.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. APA. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th-TR). APA.
- Barnett, J. P., & Maticka-Tyndale, E. (2015). Qualitative exploration of sexual experiences among adults on the autism spectrum: Implications for sex education. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health, 47*(4), 171–179. <https://doi.org/10.1363/47e5715>
- Bush, H. H. (2018). Dimensions of sexuality among young women, with and without autism, with predominantly sexual minority identities. *Sexuality and Disability, 37*(2), 275–292. <https://doi.org/10.1007/s11195-018-9532-1>
- Bush, H. H., Williams, L. W., & Mendes, E. (2020). Brief report: Asexuality and young women on the autism spectrum. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04565-6>
- Byers, E. S., & Nichols, S. (2014). Sexual satisfaction of high-functioning adults with autism spectrum disorder. *Sexuality and Disability, 32*(3), 365–382. <https://doi.org/10.1007/s11195-014-9351-y>
- Byers, E. S., & Nichols, S. (2018). Prevalence and frequency of online sexual activity by adults with autism spectrum disorder. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*. <https://doi.org/10.1177/1088357618800061>

- Byers, E. S., Nichols, S., & Voyer, S. D. (2013). Challenging stereotypes: Sexual functioning of single adults with high functioning autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43*(11), 2617–2627. <https://doi.org/10.1007/s10803-013-1813-z>
- Byers, E. S., Nichols, S., Voyer, S. D., & Reilly, G. (2013). Sexual well-being of a community sample of high-functioning adults on the autism spectrum who have been in a romantic relationship. **Autism*, 17*(4), 418–433. <https://doi.org/10.1177/1362361311431950>
- Centers for Disease Control and Prevention (CDC). (2020). Data & statistics on autism spectrum disorder. Retrieved from <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.htm>
- Corbett, J. A. (1987). Understanding mental retardation. by Edward Zigler and Robert M. Hodapp. Cambridge: Cambridge University Press. 1986. 292 pp. price £27.50 (Hb), £9.95 (pb). **British Journal of Psychiatry*, 151*(4), 576–577. <https://doi.org/10.1192/s0007125000218047>
- Cumine, V., Leach, J., & Stevenson, G. (2006). **Compreender a síndrome de Asperger- guia prático para educadores**. Porto: Porto Editora.
- Derogatis, L. R. (1993). Brief symptom inventory. **European Journal of Psychological Assessment**.
- DeRogatis, L., Clayton, A., Lewis-D'Agostino, D., Wunderlich, G., & Fu, Y. (2008). Validation of the Female Sexual Distress Scale-Revised for assessing distress in women with hypoactive sexual desire disorder. **The Journal of Sexual Medicine*, 5*(2), 357–364. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2007.00672.x>
- Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-I. (1952). American Psychiatric Association.
- Ehrensaft, D. (2018). Double helix rainbow kids. **Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48*(12), 4079–4081. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3716-5>
- Eldridge, S. (2024, May 7). Neurodiversity. **Encyclopedia Britannica**. <https://www.britannica.com/topic/neurodiversity>

- Gaiato, M. (2018). *S.O.S. autismo: Guia completo para entender o transtorno do espectro autista*. Nversos.
- Gardener, H., Spiegelman, D., & Buka, S. L. (2009). Prenatal risk factors for autism: Comprehensive meta-analysis. *The British Journal of Psychiatry*, 195*(1), 7–14.
- George, R., & Stokes, M. A. (2017). Gender identity and sexual orientation in autism spectrum disorder. *Autism*, 22*(8), 970–982. <https://doi.org/10.1177/1362361317714587>
- Gilmour, L., Schalomon, P. M., & Smith, V. (2012). Sexuality in a community-based sample of adults with autism spectrum disorder. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 6*(1), 313–318. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2011.06.003>
- Gray, S., Kirby, A. V., & Graham Holmes, L. (2021). Autistic narratives of sensory features, sexuality, and relationships. *Autism in Adulthood*. <https://doi.org/10.1089/aut.2020.0049>
- Hancock, G. I., Stokes, M. A., & Mesibov, G. B. (2017). Socio-sexual functioning in autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analyses of existing literature. *Autism Research*, 10*(11), 1823–1833. <https://doi.org/10.1002/aur.1831>
- Haracopos, D., & Pedersen, L. (1992). *Sexuality and autism: Danish report*. Society for the Autistically Handicapped. Retrieved from http://www.autismuk.com/?page_id51293, accessed 25 February 2023.
- Happé, F., & Frith, U. (2020, March 1). Annual research review: Looking back to look forward – Changes in the concept of autism and implications for future research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13176>
- Kellaher, D. C. (2015). Sexual behaviour and autism spectrum disorders: An update and discussion. *Current Psychiatry Reports*. <https://doi.org/10.1007/s11920-015-0562-4>
- Kroenke, K., Spitzer, R. L., & Williams, J. B. W. (2001). The PHQ-9: Validity of a brief depression severity measure. *Journal of General Internal Medicine*, 16*(9), 606–613. <https://doi.org/10.1046/j.1525-1497.2001.016009606.x>

- Mehzabin, P., & Stokes, M. A. (2011). Self-assessed sexuality in young adults with high-functioning autism. **Research in Autism Spectrum Disorders*, 5*(1), 614–621. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2010.07.006>
- Micah D. J. Peters, Godfrey, C., McInerney, P., Munn, Z., Tricco, A. C., & Khalil, H. (2024). **Scoping reviews**. JBI EBooks. <https://doi.org/10.46658/jbimes-24-09>
- Munn, Z., Peters, M. D., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. **BMC Medical Research Methodology*, 18*(1). <https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>
- Norte, D. M. (2017). **Prevalência mundial do transtorno do espectro do autismo: revisão sistemática e metanálise**.
- Oliveira, G. (2005). **Epidemiologia do autismo em Portugal: Um estudo de prevalência da perturbação do espectro do autismo e de caracterização de uma amostra populacional de idade escolar**. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Ousley, O. Y., & Mesibov, G. B. (1991). Sexual attitudes and knowledge of high-functioning adolescents and adults with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders*, 21*(4), 471–481. <https://doi.org/10.1007>.
- Pecora, L. A., Hancock, G. I., Mesibov, G. B., & Stokes, M. A. (2019). Characterising the Sexuality and Sexual Experiences of Autistic Females. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49(12), 4834–4846. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04204-9>.
- Pellicano, E., & den Houting, J. (2022). Annual Research Review: Shifting from ‘normal science’ to neurodiversity in autism science. *Journal of child psychology and psychiatry*, 63(4), 381-396.
- Reichenberg, A. (2017). The Heritability of Autism Spectrum Disorder. *JAMA*, 318(12), 1182-1184.

- Resnick, A. (2021, October 6). What Is Neurodivergence and What Does It Mean to Be Neurodivergent? Verywell Mind. <https://www.verywellmind.com/what-is-neurodivergence-and-what-does-it-mean-to-be-neurodivergent-5196627>.
- Rollett, B. & Kastner-Koller, U. (2018). *Praxisbuch Autismus für Erzieher, Lehrer, Psychologen, Therapeuten und Eltern*.
- Rosen, R. C., Riley, A., Wagner, G., Osterloh, I. H., Kirkpatrick, J., & Mishra, A. (1997). The international index of erectile function (IIEF): a multidimensional scale for assessment of erectile dysfunction. *Urology*, 49(6), 822–830. [https://doi.org/10.1016/s0090-4295\(97\)00238-0](https://doi.org/10.1016/s0090-4295(97)00238-0).
- Rosen, R., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R., Ferguson, D., & D’Agostino, R. (2000). The Female Sexual Function Index (FSFI): a multidimensional self-report instrument for the assessment of female sexual function. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(2), 191–208. <https://doi.org/10.1080/009262300278597>.
- Rust, J., & Golombok, S. (1985). The Golombok-Rust Inventory of Sexual Satisfaction (GRISS). *British Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 63–64. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1985.tb01314.x>.
- Peixoto, C., Rondon, D.A., Cardoso, A., & Veras, A.B. (2017). High functioning autism disorder: marital relationship and sexual offending. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 66(2). Doi: 10.1590/0047-20850000000159.
- Pearlman-Avnion, S., Cohen, N., & Eldan, A. (2017). Sexual Well-Being and Quality of Life Among High-Functioning Adults with Autism. *Sexuality and Disability*, 35(3), 279–293. <https://doi.org/10.1007/s11195-017-9490-z>.
- Prisma extension for scoping reviews (PRISMA-SCR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/m18-0850>.
- Sacristan, J.A. et al. (2016) “Patient involvement in clinical research: Why, when, and how,” *Patient Preference and Adherence*, p. 631. Available at: <https://doi.org/10.2147/ppa.s104259>.

- Sandin, S., Lichtenstein, P., Kuja-Halkola, R., Larsson, H., Hultman, C. M., & Reichenberg, A. (2017).
- Spanier, G. B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Scales for Assessing the Quality of Marriage and Similar Dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15. <https://doi.org/10.2307/350547>.
- Sasson, N. J., Nowlin, R. B., & Pinkham, A. E. (2012). Social Cognition, social skill, and the broad autism phenotype. *Autism*, 17(6), 655–667. <https://doi.org/10.1177/1362361312455704>
- Randa, M. B. (2020). An Exploration of Absenteeism among Nursing Students in the context of a South African University. *The Open Nursing Journal*, 14(1).
- Silverman, C. (2015). *NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity* by Steve Silberman. *Anthropological Quarterly*, 88(4), 1111–1121. <https://doi.org/10.1353/anq.2015.0057>
- Spitzer, R. L., Kroenke, K., Williams, J. B. W., & Löwe, B. (2006). A brief measure for assessing generalized anxiety disorder. *Archives of Internal Medicine*, 166(10), 1092–1097. <https://doi.org/10.1001/archinte.166.10.1092>.
- Stein Duker, L. I., Sadie Kim, H. K., Pomponio, A., Mosqueda, L., & Pfeiffer, B. (2019). Examining Primary Care Health Encounters for Adults With Autism Spectrum Disorder. *American Journal of Occupational Therapy*, 73(5), 7305185030p1. <https://doi.org/10.5014/ajot.2019.037226>
- Strunz, S., Schermuck, C., Ballerstein, S., Ahlers, C.J., Dziobek, I., & Roepke, S. (2017). Romantic relationships and relationship satisfaction among adults with Asperger syndrome and high-functioning autism. *Journal of Clinical Psychology*.
- The Whoqol Group. (1998). The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Development and general psychometric properties. *Social Science & Medicine*, 46(12), 1569–1585. [https://doi.org/10.1016/s0277-9536\(98\)00009-4](https://doi.org/10.1016/s0277-9536(98)00009-4).
- Tilio, R (2017). Transtorno do Espetro Autista e sexualidade: um relato de caso na prespetiva do cuidador. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*.

- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Straus, S. E. (2018).
- Turner, D., Briken, P., & Schöttle, D. (2019). Sexual Dysfunctions and Their Association with the Dual Control Model of Sexual Response in Men and Women with High-Functioning Autism. *Journal of Clinical Medicine*, 8(4), 425. <https://doi.org/10.3390/jcm8040425>.
- Van Der Miesen, A. I. R., Hurley, H., & De Vries, A. L. C. (2016). Gender dysphoria and autism spectrum disorder: A narrative review. *International Review of Psychiatry*, 28(1), 70–80. <https://doi.org/10.3109/09540261.2015.1111199>.
- von dem Hagen, E. A., Nummenmaa, L., Yu, R., Engell, A. D., Ewbank, M. P., & Calder, A. J. (2010). Autism spectrum traits in the typical population predict structure and function in the posterior superior temporal sulcus. *Cerebral Cortex*, 21(3), 493–500. <https://doi.org/10.1093/cercor/bhq062>.
- Yew, R. Y., Hooley, M., & Stokes, M. A. (2023). Factors of relationship satisfaction for autistic and non-autistic partners in long-term relationships. *Autism*, 27(8), 136236132311602. <https://doi.org/10.1177/13623613231160244>.

